

OS AÇORES NO DIÁRIO DE VIAGEM DE WILLIAM HICKLING PRESCOTT (SETEMBRO 1815-ABRIL 1816)

The Azores in the Travel Diary of William H. Prescott
(September 1815-April 1816)

Edgardo Medeiros da Silva

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa (ISCSP)
Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa (CEAUL)
(Portugal)

Desde sempre que os Açores, ou Ilhas Ocidentais, como eram designados no mundo anglófono, foram um espaço geográfico de encontro no meio do Atlântico entre a cultura americana e a portuguesa, um local de troca de ideias, imagens e objetos com origem em ambos os lados do oceano. Neste ensaio analisamos o diário de viagem do jovem William Hickling Prescott (1796-1859), que viria a ser um dos mais importantes historiadores românticos de *antebellum* América, no qual relata no contexto da sua *Grand Tour* pela Europa, a sua estadia de aproximadamente seis meses na ilha de S. Miguel. Na sua descrição da ilha, de modo algum isenta de preconceitos culturais e civilizacionais anglo-saxónicos, Prescott realça a amenidade do clima, a exuberância da vegetação e a singularidade da paisagem. Embora filtradas pelo olhar de um jovem da Nova Inglaterra imbuído de valores protestantes, as suas referências à ilha de S. Miguel, um espaço romântico e idílico privilegiado pela natureza, permitem-nos definir os contornos e/ou limites da geografia cultural entre os Estados Unidos da América e os Açores nas primeiras décadas do século XIX.

Palavras-chave

Açores/Ilhas Ocidentais, *Grand Tour*, narrativas de viagem, paisagem romântica, William Hickling Prescott

From very early on, the islands of the Azores, or Western Islands, as these isles were known in the Anglophone world, have served as mid-Atlantic meeting point for Portuguese and American culture, a place for the exchange of ideas, images, and objects from both sides of the Atlantic Ocean. I examine in this paper the travel diary of the young man William Hickling Prescott (1796-1859), who was to become one of the most important Romantic historians of *antebellum* America, in which he describes his approximately six-month stay on the island of St. Michael in the context of his European *Grand Tour*. In his depiction of the island, not entirely devoid of Anglo-Saxon cultural and civilizational biases, Prescott highlights the mildness of the climate, the exuberance of the vegetation, and the novelty of the landscape. Though filtered through the eyes of a young New Englander imbued with Protestant values, Prescott's references to St. Michael's, a Romantic and idyllic space privileged by nature, help us define the contours and/or boundaries of the cultural geography that separated the United States of America and the Azores in the earlier part of the nineteenth century.

Keywords

Azores/Western Islands, *Grand Tour*, Romantic landscape, travel narratives, William Hickling Prescott

Introdução

Desde sempre que os Açores, ou Ilhas Ocidentais, como eram conhecidas estas ilhas no espaço anglo-americano, têm sido um ponto de encontro, no meio do Atlântico, entre a cultura americana e a portuguesa, uma espécie de «entreposto cultural» entre a América e a Europa, um repositório de ideias, imagens e objetos que têm perdurado até aos dias de hoje. Os contactos entre os Estados Unidos da América e os Açores vêm desde a Revolução Americana, nomeadamente quando o Congresso Continental utilizou a ligação a estas ilhas com o propósito de coordenar os emissários enviados à Europa na tentativa de obter apoios para o movimento independentista. Devido à sua posição estratégica nas rotas comerciais entre a América do Norte e a Europa têm existido representantes diplomáticos dos EUA nos Açores desde 1795, o ano em George Washington nomeou John Street, cônsul americano para estas ilhas (com base na Horta, Faial) e Thomas Hickling, o avô do historiador romântico da Nova Inglaterra, William Hickling Prescott, vice-cônsul (com base em Ponta Delgada, São Miguel)¹. Os arquivos consulares dos EUA, em Ponta Delgada, possuem informação diversa relativa ao papel desempenhado pelos Açores e pelos açorianos em momentos-chave da história política e económica deste país, nomeadamente a Guerra de 1812, a Guerra Civil, a indústria baleeira da Nova Inglaterra, assim como a corrida ao ouro da Califórnia e a imigração para o Havai, nos finais do século dezanove.

A escrita de viagens pode assumir formatos vários: diários de viagem, guias de turismo, correspondência pessoal, postais, relatórios de exploração geográfica, documentos de navegação, entre outros. As impressões na primeira pessoa que o historiador William Hickling Prescott (1796-1859) registou no seu diário de viagem relativa à sua estadia na ilha de São Miguel enquanto jovem (tinha dezanove anos de idade na altura), entre setembro de 1815 e abril de 1816, e que têm a ver com a visita ao seu avô, o acima referido Thomas Hickling, permitem-nos definir alguns dos contornos da geografia cultural do século dezanove, no âmbito do fluxo de pessoas, ideias, imagens e objetos, do centro para a periferia e vice-versa. Embora filtradas pelo olhar de um estrangeiro, as impressões registadas por este

jovem no seu diário ajudam a completar o retrato que temos sobre a vida nesta ilha no século passado, ampliando o nosso conhecimento dos processos de aculturação e transculturação associados ao que Mary Louise Pratt designa no seu livro *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation* (Pratt, 2008) como sendo «zonas de contacto», ou seja, «social spaces where disparate cultures meet, clash, and grapple with each other, often in highly asymmetrical relations of domination and subordination – such as colonization and slavery, or their aftermaths as they are lived across the globe today» (p. 7)². A estadia de Prescott em São Miguel foi de apenas seis meses, metade dos quais passados no interior da residência do avô devido a um problema de visão (mais pormenores, abaixo), mas o seu diário é uma fonte importante de informação a juntar ao número limitado de fontes escritas por estrangeiros acerca dos Açores, no período em análise, geralmente circunscritas às narrativas de John White Webster, *A Description of the Island of St. Michael, Comprising an Account of its Geological Structure* (1821), do Captain Boid, *A Description of the Azores, or Western Islands* (1834) e dos irmãos Bullar, *A Winter in the Azores; and a Summer at the Baths of the Furnas* (1841), todas elas de pendor mais científico e/ou geográfico. No diário de Prescott temos «the imperial eyes» do habitante da Nova Inglaterra que visita um espaço geográfico distinto e oferece uma descrição e comentário acerca do mesmo que está imbuída da superioridade da cultura anglo-saxónica *vis-à-vis* a de origem latina.

W. H. Prescott na Historiografia Americana

No âmbito da historiografia americana, Prescott é conhecido pelas suas narrativas históricas sobre a Espanha imperial e a América Latina. Embora nunca tenha estado ligado ao ensino, ele ocupa uma posição privilegiada na historiografia anglófona sobre Espanha, como o primeiro estudioso americano que se dedicou ao passado histórico desse país ibérico. Licenciado pela Universidade de Harvard, Prescott esteve particularmente activo nas décadas de 1830 e 1840 quando publicou as suas narrativas históricas acerca dos reinados dos reis católicos, Fernando e Isabel, Filipe II, assim como das conquistas do México e do Peru. Ele faz parte da tradição historiográfica dos chamados historiadores patricios, frequentemente apelidados de historiadores literários ou amadores, da América *antebellum*, da qual fazem parte nomes como George Bancroft, William Motley e Francis Parkman. Todos eles oriundos da Nova Inglaterra, escreviam com uma visão romantizada da história, caracterizada por uma presença autoral forte, uma tendenciosa preferência por

questões de natureza política e constitucional, bem como um manifesto interesse na personalidade de quem define o curso dos acontecimentos históricos. As narrativas destes historiadores estão todas elas imbuídas de fortes preconceitos culturais, políticos e religiosos, o texto de Prescott sobre as culturas incas e aztecas antes da «conquista», refletindo, por exemplo, «a Christian understanding of the ancient Mediterranean past» (Boyd, 1999, p. 960).

O diário de viagem de W. H. Prescott

O diário de viagem de W. H. Prescott tem um total de 185 páginas. A primeira entrada data de 26 de setembro de 1815, o dia da sua partida de Boston, a última refere-se à sua partida de Brighton, Inglaterra, a 14 de maio de 1817. Nele, entra as páginas 1 e 125, o jovem Prescott registou a sua viagem pela Europa à maneira de uma *Grand Tour* típica dos filhos de ingleses e americanos de classes sociais elevadas, habitualmente efectuadas após terem terminado os seus estudos superiores. A seguir a São Miguel, existem entradas no diário de Prescott referentes à sua passagem por Inglaterra (Dover e Londres), França (Callais, Paris, Versailles), Itália (Turim, Génova, Milão, Pádua, Veneza, Florença, Etrúria, Roma, Génova), França, novamente (Marseille, Avignon, Lyon, Paris), e uma vez mais a Inglaterra (Brighton), o último registo antes do seu regresso aos EUA. Entre a página 126 (sem qualquer registo) e a 185, Prescott anotou pensamentos e ideias pessoais, incluindo frases sobre a melhor conduta na vida, listagens de *clippers* ingleses e franceses, livros, gravuras, clássicos da literatura grega, latina e italiana, em diferente caligrafia, o que sugere que estes registos foram feitos em momentos distintos da sua viagem³.

Dois razões principais explicam a viagem de Prescott a São Miguel após ter concluído os seus estudos em Direito na Universidade de Harvard. A primeira destas prende-se, como acima referido, com aquilo que era prática corrente no mundo anglófono: Prescott embarcou numa *Grand Tour* da Europa

continental com o fim de visitar os locais da antiguidade greco-romana e assim dar por terminada a sua educação formal clássica, em formato de lazer, à laia de viajante. A segunda razão tem a ver com o facto de Prescott, no seu último ano de universidade, ter sido atingido por um pedaço de pão duro lançado por um colega, no refeitório, tendo desse momento em diante passado a sofrer de «rheumatism» nos olhos que o afligiu ao longo de toda a sua vida. A viagem aos Açores serviria, portanto, para mitigar a sua situação clínica, evitando a dureza dos invernos de Boston, assim como uma oportunidade para visitar o seu avô, Thomas Hickling (1745-1834), que, suspeitamos, não conhecia. Hickling, nascido em Boston em 1745, viria a falecer em Ponta Delgada em 1834. Desembarcou na ilha de São Miguel em 1769, antes da independência dos EUA, portanto, onde se dedicou à importação e exportação, nomeadamente de laranjas, para a Grã-Bretanha⁴. Crê-se que se tenha estabelecido em São Miguel devido à sua discordância com o pai, mais conservador, no que diz respeito ao seu apoio à Revolução Americana, embora isto não seja certo. Após o seu casamento com Sarah Greene, de uma importante família da Nova Inglaterra, o avô de Prescott, partiu para as Índias Ocidentais com o propósito de aí estabelecer um negócio de melaço, apoiado financeiramente pelo pai, cujo produto enviaria para a destilaria que o último possuía em Boston. Contudo, Thomas Hickling decidiu não voltar a Boston, preferindo estabelecer-se em São Miguel, abandonando a mulher, Sarah, dezasseis anos mais velha, assim como os seus dois filhos, Catherine Greene Hickling, mãe do jovem Prescott, e William Greene Hickling⁵.

A Ilha de São Miguel no Diário de Viagem de W. H. Prescott

O jovem Prescott partiu de Boston a 26 de setembro de 1815 (20 setembro, segundo Ticknor) a bordo do US Brigantine *Legal Tender*, comandado pelo capitão Lindsay, uma embarcação pequena, semelhante às que faziam o comércio regular com as Ilhas Ocidentais. Após «a rough passage», com fortes ventos de proa, Prescott desembarcou em Ponta Delgada (escrita «Ponta del Gada», no seu diário) a 16 outubro de 1815 (18 de outubro, segundo Ticknor), de-

¹O primeiro representante diplomático dos Estados Unidos da América, em Portugal, foi David Humphreys, que ocupou o posto de *Minister* na corte portuguesa entre 1791-1797. O primeiro cônsul americano em Lisboa, Edward Church, foi nomeado em 1792. Ou seja, o consulado americano nos Açores, primeiramente na Horta, Faial, e posteriormente em Ponta Delgada, São Miguel, é o consulado mais antigo dos EUA em funcionamento ininterrupto desde os finais do século XVIII.

³Neste ensaio, para além do diário de viagem de W. H. Prescott, propriamente dito, cujo manuscrito se encontra depositado na Massachusetts Historical Society, fiz uso das cartas que George Ticknor (1791-1871), académico e amigo pessoal deste, coligiu no seu livro *Life of William Hickling Prescott* (1864). Dos William Hickling Prescott Papers, depositados na MHS, fazem parte vinte e cinco caixas de documentos de formato normal e uma de formato não-estandardizado, assim como nove maços de documentos encaixotados. A documentação refere-se ao período 1665-1959, embora na sua maioria os documentos digam respeito ao período compreendido entre 1775-1859. A coleção encontra-se dividida em quatro partes: *Personal Papers, Literary Papers, Prescott Family Papers, and Printed Materials*.

⁴Cf. Oliveira Rodrigues (1993), «Diário de Catherine Green Hickling, 1786-1789», em *Insulana*, 49, pp. 47-49.

⁵Thomas Hickling, que chegou a Ponta Delgada a bordo do *St. John*, faleceu nesta cidade na casa em estilo georgiano, em frente à igreja de S. Pedro, em Ponta Delgada. Segundo Oliveira Rodrigues a construção desta casa foi iniciada em 1810 e custou a Hickling aproximadamente US\$ 30,000 (*Insulana*, 49, p. 118, nota 3, e *Insulana*, 51 (2), p. 212, nota 30).

pois de uma viagem de vinte e dois dias. As suas primeiras impressões não poderiam ser melhores. Em formato de rascunho, escreveu no seu diário: «fine marine views, houses white lime and lava, streets narrow». Já em casa do avô, no Rosto de Cão, nos arredores de Ponta Delgada, acrescentou: «Rosto de Cão, charming gardens of Grand fathers [sic], exotics of every description, faya trees, oranges, lemons and citreous trees, pomegranates, utopian flowers, plants, etc., etc.» (*Diário de viagem*, p. 2).

No dia seguinte à sua chegada (17 de outubro de 1815), Prescott dá a sua primeira volta pelos arredores da cidade com a meia-tia Amelia, anotando no seu diário: «Rode with Amelia to Fajen [sic], high stone walls obstruct the prospects, cottages without windows, fireplaces, or comforts» (*Diário de viagem*, p. 2). Achou, porém, a cidade de Ponta Delgada um sítio especial, encantador, mais próximo da ficção do que da realidade, descrevendo-a numa carta aos seus pais (13 de novembro de 1815) como estando localizada no sopé de colinas cobertas por campos amarelos, plantados com milho, que contrastavam com a brancura dos edifícios e os pitorescos torreões dos inúmeros conventos. Confessando-se um admirador da natureza, mas não dos excessos de sentimentos que caracterizam a poesia romântica, Prescott afirma nessa carta que a paisagem, no seu todo, fez despertar nele «a coup d'oeil on which the genius of a Radcliffe, or indeed any one, much less an admirer of the beauties of nature than myself, might expend a folio of sentimentality and nonsense» (Ticknor, 1882, p. 33). A mesma ideia de paisagem romântica que a ilha nele suscitou está presente num dos registos do seu diário (22 de março de 1816) em que diz: «Excursion on jacks, wild romantic scenery on the road» (*Diário de viagem*, p. 3). A novidade da paisagem e da vegetação impressionaram o jovem visitante, tão diferente da que estava habituado em latitudes mais setentrionais. Em particular, surpreendeu-o ver crescer a céu aberto, sem calor artificial, plantas que conhecia apenas de estufas. A vegetação luxuriante à sua volta fá-lo afirmar que se sentia transportado para época de Horácio e de Anacreonte, numa das inúmeras alusões à Antiguidade Clássica. Comenta, em carta aos pais (13 de novembro de 1815), a imprevisibilidade do clima dos Açores, apesar dos invernos suaves e verões frescos, afirmando que era «capricious», o que faz com que as gentes locais fossem «absolutely amphibious»: «if they [the local inhabitants] are in sunshine one half of the day, they are sure to be in water the other half» (Ticknor, 1882, p. 34).

Referências à construção das habitações de São Miguel podem ser encontradas numa das cartas (12 março de 1816) à sua irmã, Catherine Elizabeth Prescott (1799-?), na qual escreve que as casas na ilha são de pedra e pintadas com cal, na sua maioria

de dois pisos, sendo o inferior usado para guardar o gado. Noutra carta, desta vez aos pais (15 de março

As impressões na primeira pessoa que o historiador William Hickling Prescott (1796-1859) registou no seu diário de viagem relativa à sua estadia na ilha de São Miguel enquanto jovem permitem-nos definir alguns dos contornos da geografia cultural do século dezanove, no âmbito do fluxo de pessoas, ideias, imagens e objetos, do centro para a periferia e vice-versa

de 1816), Prescott queixa-se da qualidade dessa mesma construção, nomeadamente as janelas da casa do avô, no Rosto de Cão, que para ele se assemelhavam mais às portas dos estábulos da Nova Inglaterra do que janelas, propriamente ditas: não possuem persianas, nem estão bem insuladas contra o vento, permitindo que entre demasiada luz. Apesar de que a construção da casa do avô na cidade fosse melhor, a família ainda assim sentiu necessidade de pregar baeta às janelas de modo a escurecer o quarto e a evitar que a inflamação do seu olho piorasse (Ticknor, 1882, p. 38). A simplicidade da arquitetura doméstica contrastava, porém, com a qualidade da construção empregue nas igrejas, «profusely ornamented with gilding and carving», muito embora de deficiente execução (Ticknor, 1882, p. 34).

Prescott teve também a oportunidade de testemunhar a atividade volcânica característica da ilha: no dia 1 de fevereiro de 1816, um abalo de terra de magnitude considerável atingiu a cidade de Ponta Delgada e os seus arredores, danificando cerca de quarenta casas e vários edifícios públicos. O tremor de terra, que durou aproximadamente três minutos e meio, arrancou da cama toda a família Hickling, trazendo à mente do jovem da Nova Inglaterra os

desastres de Lisboa e de Herculaneum. No registo do seu diário para o dia 1 de fevereiro desse ano, anotou simplesmente: «Dined below, Mr and Mrs Hardy, earthquake at midnight, duration 3 1/2 minutes, shook down and injured 35 houses» (*Diário de viagem*, p. 3). Como consequência do tremor de terra, as paredes da casa do seu avô ficaram com rachas de alto a baixo.

Inúmeros são os registos no diário de Prescott a excursões e passeios a jardins e pomares de laranjas (*orangeries*) da ilha de São Miguel, na companhia dos seus familiares. Esta, em particular, a 19 de outubro de 1815, refere-se a uma ida ao jardim de um dos residentes locais do círculo de conhecimentos do avô: «Walked to Donna Anna's garden, the finest in the island, delicious orange groves, box and myrtles, twenty feet in height» (*Diário de viagem*, p. 2). Dois dias depois, a 21 de outubro, nova excursão, desta feita para o Bom Despacho (Buon despatch), sobre a qual escreve: «unfair (?) reconte of the peasants and water casks, charming views from MAIS DIOS [Mãe de Deus Hill], mountains variegated with culture» (*Diário de viagem*, p. 3). No início de 1816, com melhorias na sua visão, possivelmente, Prescott continuou a visitar quintas e pomares de laranjas: 7 de fevereiro de 1816: «Breakfast at Mr Treatwell's (?). Another excursion, atmosphere remarkably pure and perfumed with orange groves» (*Diário de viagem*, p. 4). 15 de fevereiro de 1816: «Excursion to doctor's quintas. Delicious orange groves, good orange trees average 4 or 5,000 oranges annually. 20,000 have been known, prices of oranges formerly 10 cents per 1,000, now 6 or even 9 dollars, but property in the island yields 8 or 9 per cent» (*Diário de viagem*, p. 4). Na sua biografia de Prescott, George Ticknor (1882) refere-se ao grande número de pomares de que Thomas Hickling era proprietário, dos quais provinham os seus rendimentos, «cultivated and extended chiefly through his grandfather's spirit and energy, until their fruit had become the staple of the island» (p. 32), dando a entender que a exportação da laranja, que viria a ser a base da economia local nas décadas seguintes, tinha sido iniciada pelo avô de Prescott⁶. De facto, como os es-

⁶Os investimentos dos Hicklings nos Açores eram substanciais. Entre 1800 e 1809, a firma do avô de Prescott, juntamente com a do genro, John Anglin, foi a maior exportadora de laranjas da ilha de São Miguel para o norte da Europa, com 106,484 caixas (Oliveira Rodrigues, *Insulana*, 51 (2), p. 210, nota 14). O filho deste, Thomas Hickling Jr. (1781-1875), continuou o negócio da família, profundamente afetado pela Guerra de 1812 entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, quando vários navios e a respetiva carga se perderam. Hickling Jr. calculou as perdas entre 1813-1819 na ordem de um milhão de dólares (cf. Oliveira Rodrigues, 1995, p. 293). O Bloqueio Continental, decretado em 21 de novembro de 1806 por Napoleão Bonaparte, implicava que os portos portugueses permanecessem fechados ao comércio com os britâni-

tudos feitos sobre esta matéria têm revelado, foram os residentes estrangeiros na ilha que primeiramente exploraram o lucrativo negócio da exportação da laranja para os mercados do Norte da Europa, antes da forte concorrência vinda de Espanha, Sicília e de Portugal Continental que os afetou profundamente.

Sem dúvida, devido à escassez de atividades de índole cultural na ilha, o jovem Prescott contentou-se com o que mais disso se aproximava. Já com melhorias na sua visão, regista no seu diário várias visitas a conventos e mosteiros, onde toma chá e come bolos com freiras e frades:

8 de fevereiro de 1816: «Convent of St Esperanzas [sic], drank tea, sweets hither nun Donna Anna» (*Diário de viagem*, p. 4).

10 de fevereiro de 1816: «Monks St. Francis» (*Diário de viagem*, p. 4).

17 de fevereiro de 1816: «Gratian Monks» (*Diário de viagem*, p. 4).

2, 3, 4 de março de 1816: «Visit to the Churches, Burials, Sacrament Procession» (*Diário de viagem*, p. 5).

12 de março de 1816: «Villa Franca Convent of Nuns; pretty nun; Monks» (*Diário de viagem*, p. 5).

28 de março de 1816: «Convent of St. Juan, took tea, nuns ugly» (*Diário de viagem*, p. 5).

Uma longa tradição nos espaços de cultura anglófona, desde a Revolução Protestante inglesa, tendia a associar os conventos a locais de má reputação. Ao descrever o contraste entre os campos de milho que circundam a cidade de Ponta Delgada e a brancura dos torreões dos conventos, Prescott não se coíbe de afirmar numa das suas cartas que estes em igual medida «beautify and disgrace the city» (Ticknor, 1882, p. 33)⁷. Na carta ao amigo e editor W. H. Gardiner (16 de março, sem registo do dia), escreve que os conventos católicos não correspondem de forma alguma à ideia romântica que deles as pessoas fazem como locais de «purity and simplicity», observando:

Almost every nun has a lover; that is, an innamorato who visits her every day and swears as many oaths of constancy, and imprints as many kisses on the grates as ever as Pyramus and Thisbe did on the unlucky chink which separated them. I was invited the other day to select one of these fair penitents, but, as I have no great relish for such a – correspondence, I declined the politeness, and content myself with a few ogles and sighs *en passant*. (Ticknor, 1882, pp. 36-37)⁸.

cos, situação esta que afetou a atividade mercantil dos Hicklings nos Açores, em especial após a invasão do território nacional pelas tropas napoleónicas, em novembro de 1807.

⁷Carta aos pais, 13 de novembro de 1815.

⁸Março de 1816 (sem registo do dia).

Enquanto americano educado no seio dos constrangimentos impostos pelo Protestantismo da Nova Inglaterra, Prescott tem dificuldade em compreender o comportamento dos católicos. Como explicar, por exemplo, que quando um homem pobre perde um filho todos o felicitam, mas quando o mesmo perde um porco todos o venham consolar. Ou mesmo, a propósito da riqueza e exuberância das igrejas da ilha, com as suas oito, por vezes dez, torres sineiras, que quando alguém importante morre, os sinos continuem a dobrar, como se os habitantes da ilha tivessem a maior das féis em salvar alguém do Purgatório pelo simples facto de fazerem soar os sinos das igrejas (Ticknor, 1882, p. 34).

No que diz respeito a matérias de religião e de política, Prescott é altamente crítico de países católicos, como Portugal, claramente «oppressed by arbitrary power and papal superstition» (Ticknor, 1882, p. 36). Sendo ele um cidadão de um «free country, flourishing under the influences of a benign religion», como refere na carta ao seu amigo Gardiner, as suas palavras a este propósito não poderiam ser mais expressivas: os portugueses encontram-se «in that stage of the metamorphosis when, having lost the tails of monkeys, they have not acquired the brains of men» (Ticknor, 1882, p. 37)⁹. Os historiadores românticos, como Prescott, acreditavam que o progresso humano era visível na história das nações, uma espécie de linha contínua no sentido do Oriente para o Ocidente e de Norte para o Sul, um processo de evolução intimamente ligado ao Cristianismo. Como David Levin afirma em *History as Romantic Art* (1959), esta linha contínua de evolução tivera como ponto de partida o Catolicismo da Igreja de Roma, passando seguidamente pela Reforma Protestante inglesa e daí prosseguido para o Unitarismo de Boston (p. 27). Assim, as narrativas dos historiadores americanos românticos evidenciam um preconceito cultural forte contra todos aqueles que são católicos-romanos, ameríndios, mouros e judeus, considerados por estes autores, devido às suas convicções religiosas, como representantes de forças antiprogressistas (Levin, 1959, p. 126). Não deverá ser esquecido que para alguns Protestantes, o catolicismo romano representava uma versão inferior e de certa forma supersticiosa do Cristianismo. Superstição, fanatismo e crença

religiosa eram anátemas para os historiadores patrióticos, os quais gostavam de contrastar nas suas narrativas, como refere Peter Novick, em *That Noble Dream – The «Objectivity Question» and the American Historical Profession* (1999), «Protestant virtue with Catholic vice, as well as Anglo-Saxon liberty with Latin absolutism» (p. 46).

The Valley of the Furnace

No registo do seu diário para o dia 10 de março de 1816, Prescott anotou: «Excursion to the Fournas [sic], wonderful boiling fountains, twenty feet in diameter, depth not ascertained, lake of the Fournas, wild mountain scenery, immense quantity of yanis, Ellisium [sic], four days» (*Diário de viagem*, p. 5)¹⁰. Esta entrada refere-se ao Vale das Furnas, o local da ilha com maior actividade volcânica. Na carta que escreveu à irmã dois dias depois (12 de março de 1816), refere em pormenor a visita ao «Valley of the Furnace»¹¹. Nela diz que partiram de Rosto de Cão, um grupo de vinte pessoas montadas em burros, percorrendo terrenos montanhosos. A irregularidade do relevo fez despertar no jovem o seu sentido romântico, como refere, enquanto descreve, nessa mesma carta, membros do grupo já no fundo do Vale da Furnas, outros nas partes mais elevadas dos montes que o circundam, enquanto outros ainda se detinham a pouca distância de «precipices two hundred feet perpendicular» (Ticknor, 1882, p. 34). Os sinos da igreja tocavam enquanto o grupo descia o vale, anunciando o fim do dia como se de um «Angelus» se tratasse. O assobio dos pastores também se podia ouvir, enchendo o peito de Prescott, como desabafa, «with sentiments of placid contentment» (Ticknor, 1882, p. 34). Contudo, a visão das Caldeiras assustaram-no, especialmente a de maior dimensão, da qual projectavam jactos de água a ferver, com um barulho semelhante ao de um trovão. Prescott ficou claramente impressionado com o que viu nas Furnas, nada que se pudesse comparar com o que tinha observado nas Caldeiras da Ribeira Grande, as quais tinha visitado algumas semanas antes (12 de fevereiro de 1816): «Ribeira Grande, hot wells, hot baths, good mountain scenery and defile, fields buried with

¹⁰Yanis é uma variedade de bougainvillea, mais conhecida por Yani's Delight Bougainvillea.

¹¹A palavra «Furnas» levanta uma questão importante de natureza semântica; o seu significado em língua inglesa é *cave*, ao passo que a palavra «Furnace» (fornalha, em português) usada por vários autores estrangeiros, aponta para as características do local. Estamos claramente em presença de uma situação de contaminação lexical entre a língua portuguesa e a inglesa. Cf. carta escrita pelo jardineiro inglês George Brown ao seu empregador, Ernesto do Canto, na qual usa também a palavra «Furnace» (Souza, 2000, p. 204).

lava» (*Diário de viagem*, p. 4).

O avô de Prescott, Thomas Hickling, era dono de uma propriedade no Vale das Furnas, a qual tinha vindo a melhorar desde a década de 1770. Desta fazia parte, uma pequena habitação com telhado de colmo, sobre uma pequena colina com vista para um lago artificial, circundada por um extenso jardim e pequenas áreas arborizadas¹². Hickling deu-lhe o nome de «Yankee Hall.» Na descrição que Prescott faz à irmã na sua correspondência (12 de março de 1816), afirma que Yankee Hall sofrera alterações desde a visita da mãe aproximadamente vinte e cinco anos antes¹³. Descreve-lhe a entrada da propriedade e o caminho ladeado de árvores que conduz à habitação, «a long avenue of shady box-trees» que termina numa escadaria de degraus de pedra, incluindo o famoso lago a que mãe se refere também no seu diário (o «Tanque»), com a sua pequena ilha no meio e a sua ponte de pedra (Ticknor, 1882, p. 35). Nunca se sentiu tão feliz desde que deixou a América, desabafa, ao comentar os dias que passou em Yankee Hall. É importante sublinhar que nesta propriedade, nos finais do século dezoito e primórdios de dezanove, o avô de Prescott tinha por hábito receber os visitantes estrangeiros que passassem pelo Vale das Furnas, dando assim início ao que se viria a revelar como a actividade económica mais importante desta zona da ilha, o turismo termal, atendendo a que a maioria das gentes locais simplesmente evitava o local por uma questão de medo¹⁴. Numa das pedras junto a uma das caldeiras Thomas Hickling inscreveu o seu nome e o ano 1770.

Conclusão

Os meses que Prescott passou em São Miguel não deverão ter sido de completa felicidade, pois que a inflamação dos olhos continuou durante o tempo que permaneceu na ilha, tendo inclusive de passar seis semanas num quarto ao escuro «on a spare vegetable diet, and applying blisters to keep down active inflammation» (Ticknor, 1882, p. 32). A chegada da Primavera reanimou-o, porém, como podemos inferir da sua correspondência (carta para a irmã, 12 de março de 1816): «The country is everywhere in the bloom of vegetation; – myrtles, the roses, and laurels are in full bloom, and the dark green of the

orange groves is finely contrasted with the “golden apples” which glitter through their foliage. Amidst such a scene I feel like a being of another world, new lighted on this distant home» (Ticknor, 1882, p. 34). O mesmo espírito de felicidade está patente na carta aos seus avós, alguns dias após a anterior (15 de março de 1816), já bem mais perto da sua partida. Embora com receio de uma recaída na inflamação dos olhos, afirma estar ansioso por ver a luz de um país «where the windows are of Christian dimensions, and the medical advice such as may be relied upon» (Ticknor, 1882, p. 38).

A ilha poderia ter muito a oferecer ao olhar do poeta, mas não à sua alma, e a de Prescott denota certamente a ausência de algo quando afirma na última carta que escreve de São Miguel ao seu amigo W. H. Gardiner: «Sine Venere, friget Apollo, and until some Azorian [sic] nymph shall warm my heart into love, the beauties of nature will hardly warm my imagination into poesy» (Ticknor, 1882, p. 37)¹⁵. A verdade é que as perspectivas de enamoramento para um jovem bostoniano, numa ilha no meio do Atlântico, no início do século dezanove, não deveriam ser promissoras, especialmente por ter recusado a «correspondence» que lhe foi oferecida pelas jovens residentes dos conventos de São Miguel. Por esta razão, especulamos, ter-se-á voltado para a literatura: Scott, Shakespeare, narrativas de viagem pela Inglaterra e Escócia, partes da *Ilíada* e da *Odisseia*, e alguma história grega e romana, são referidos na sua correspondência.

Prescott partiu para Londres a 8 de abril de 1816, tendo anotado no seu diário o seguinte: «Dies numquam oblivis candor, embarked for England, fine weather on the passage, head wind and calm, confined below 20 days» (*Diário de viagem*, p. 5). A viagem durou vinte e quatro dias, vinte dos quais passados no interior da sua cabine devido à inflamação nos olhos¹⁶. Em Londres, consultou um especialista, Sir William Adams, que lhe informou que um dos olhos estava praticamente paralisado e que pouco havia a fazer pelo outro. A severidade da notícia não impediu Prescott de continuar a sua *Grand Tour* pelo continente, embora tenha deixado de fora da sua viagem os locais históricos da Grécia Antiga. Não tivesse sido acometido pelos problemas que lhe afetaram a visão, limitando a sua capacidade de escrita, teríamos hoje uma imagem mais de-

⁹No que diz respeito aos avanços tecnológicos, o teor dos comentários de Prescott ao seu amigo W. H. Gardiner não é muito diferente. Para Prescott, os portugueses tinham um atraso de pelo menos dois séculos em relação aos ingleses no que concerne a «mechanical improvements» e «the common arts and conveniences of life [...]». Quanto a demandas literárias, na opinião deste, a situação era ainda pior: «if, as some writers have pretended, “ignorance is bliss”, they [the Portuguese] may safely claim to be the happiest people in the world» (Ticknor, 1882, p. 37).

¹²Tratava-se do jardim mais rico e luxuoso de São Miguel, concebido segundo modelos ingleses (cf. Sousa, 2000, p. 148).

¹³A mãe de Prescott visitou o pai, Thomas Hickling, entre 1786 e 1788, cuja visita registou em diário, tal como o filho.

¹⁴A ele se deve a descoberta das potencialidades do vale enquanto local de lazer e estância termal devido à existência de inúmeras fontes de águas minerais. Junto a uma das caldeiras, Hickling gravou o seu nome e o ano de 1770, ainda hoje visíveis.

¹⁵«Dies numquam oblivis candor»: alusão ao poema do francês Gilles Ménage (1613-1692).

¹⁶Prescott aproveitou para visitar o British Museum e as bibliotecas públicas e livrarias da capital inglesa. O seu passeio a Richmond, perto de Londres, ilustra bem as ligações sociais do jovem: acompanhou-o John Quincy Adams, Ministro dos Estados Unidos na Corte de St. James, que viria a ser o quinto presidente dos Estados Unidos da América.

talhada de São Miguel, necessariamente filtrada pelo olhar de um estrangeiro, com que definir os contornos da geografia cultural do Atlântico Norte nas primeiras décadas do século dezanove.

Fontes e bibliografia

- Boid, Captain (1834): *A description of the Azores, or Western Islands. From personal observation. Comprising remarks on their peculiarities, topographical, geological, statistical, etc., and their hitherto neglected condition*. Londres: Bull and Churton.
- Boyd, K. (1999): «William H. Prescott», *Encyclopaedia of historians and historical writing* (vol. 2, pp. 959-960). Londres e Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers.
- Bullar, H. and J. (1841). *A winter in the Azores; and a summer at the baths of the Furnas*. Londres: John Van Voorst.
- Levin, D. (1959): *History as romantic art: Bancroft, Prescott, Motley and Parkman*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & World Inc.
- Novick, P. (1988): *That noble dream: the 'objectivity question' and the American historical profession*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- Oliveira Rodrigues, H. de A. (1993): «Diário de viagem de

- Catherine Green Hickling (1786-1789)», *Insulana* 49, pp. 45-126.
- (1995): «Carta de Thomas Hickling, Jr.», *Insulana* 51 (2), pp. 189-216.
- Pratt, M. L. (2008): *Imperial eyes: travel writing and transculturation* (2.ª ed.). Nova Iorque: Routledge.
- Prescott, W. H. «Travel diary of William Hickling Prescott, September 1815-October 1817», *William Hickling Prescott Papers*. Boston: Massachusetts Historical Society. MS. N-2180.
- Sousa, N. de (2000): «Os "Canto" nos jardins paisagísticos da ilha de S. Miguel», *Arquipélago*, 2.ª série, 4 (1), pp. 131-311.
- Ticknor, G. (1882): *Life of William Hickling Prescott*. Filadélfia: J. B. Lippincott & Co.
- Webster, J. W. (1821): *A description of the island of St. Michael, comprising an account of its geological structure; with remarks on the other Azores or Western Islands*. Boston: R. P. & C. Williams.